

“Como Caim, sem destino!”

por Sidnei Marco Dornelas

No último mês de junho, na perspectiva de organizar esse número da Travessia sobre os refugiados, pensamos que seria interessante ver mais de perto o que seria a vida de um refugiado na metrópole paulistana. Conhecendo o trabalho das Missionárias Seculares Scalabrinianas junto a esses migrantes, pedimos a elas que nos ajudassem a entrar em contato com algum refugiado. Assim, no início do mês de julho, através da Missionária Nádia, tivemos a visita de Roger (nome fictício), um refugiado africano vivendo há dois anos na cidade de São Paulo. Na sede do CEM, ele nos concedeu esse depoimento, em que, com muita espontaneidade, nos relatou a sua história e a sua experiência de refugiado no Brasil. Em toda a parte inicial da entrevista ele usou a língua francesa, para depois, conforme falava de sua vivência em São Paulo, empregar um português ainda um pouco hesitante. Por essa razão, achamos por bem trabalhar um pouco mais o texto, procurando preservar as palavras e o sentido original de suas declarações, a fim de dar maior fluência ao seu discurso e, assim, permitir uma melhor compreensão por parte dos leitores.

Roger é originário do ex-Zaire, antiga colônia belga que se localiza na África Central, dita Região dos Grandes Lagos. O país atinge sua independência em 1960, elegendo como primeiro ministro Patrice Lumumba, conhecida liderança pela independência, sendo Joseph-Désiré Mobutu nomeado chefe das Forças Armadas da nova nação.

Os cinco primeiros anos foram marcados por grave instabilidade política que desembocou num golpe de estado liderado por Mobutu, em novembro de 1965, que tomou posse como novo presidente. Mobutu suprimiu todos os partidos políticos e centralizou o poder num partido único de cunho nacionalista: o **Mouvement Populaire de la Révolution**, submetendo todas as forças políticas regionais.

Em 1971, o país passa a se chamar oficialmente Zaire. Desde o fim da década de 80, o caos econômico aumenta com um recrudescimento dos conflitos políticos e regionais, que se tornaram ainda mais graves com a crise dos refugiados ruandenses no leste do país, a partir de 1994. Um movimento de guerrilha, aglutinado em torno da **Alliance des Forces Democratiques pour la Libération du Congo-Zaire (AFDL)** passa a lutar contra as tropas leais a Mobutu. Em 17 de maio de 1997, toma a capital Kinshasa e Mobutu deixa o país em direção à Europa. O líder da AFDL, Laurent-Désiré Kabila, torna-se o novo presidente e o país passa a se chamar República Democrática do Congo.

Sob o novo regime, continuaram os conflitos com as forças remanescentes leais a Mobutu, com notícias de graves violações de direitos humanos por ambas as partes.

A FUGA PARA O BRASIL

Os antecedentes no país de origem

Eu me chamo Roger e nasci em Kinshasa, capital do Zaire, em 17 de abril de 1964, numa família de 11 pessoas. Ali eu também estudei e me formei em Mecânica Geral, Industrial. Também frequentei a Universidade, onde fiz Teologia Bíblica. Trabalhei numa fábrica de plásticos, e depois no leste de meu país, o Zaire, em Mombashi. Trabalhei lá, e depois retornei a Kinshasa, quando entrei no meio político, atuando na associação de jovens "L'Espoir du Pays" (A esperança do País). Ali eu era encarregado da formação em política. Eu era responsável da formação de quadros daquela associação de jovens.

Essa associação era um organismo ligado diretamente ao Gabinete do Presidente. O Presidente procurava centralizar todo o poder no Comitê Central do Partido, controlando os ministros, e também os secretários, os mais velhos e os jovens. Ele estava relacionado com os mais velhos e também com os mais novos. Nosso trabalho era fazer com que o povo mantivesse a confiança no presidente. Devíamos ensinar o povo, os jovens, para ter confiança no presidente, para integrar o Partido, para ter confiança no Partido, para manter o povo unido. Ele fazia isso para que o povo não o tirasse do poder.

Ele fazia tudo para cercar o povo. Ele entrou na memória

do povo, na inteligência do povo, e o povo ficou no ponto para agradecer a ele. Ele fez essa política e conseguiu ter o país na mão. Mas aonde estavam os jovens? Ele não podia chegar lá aonde eles estavam. Éramos nós que chegávamos com a ideologia e a filosofia do Partido até eles. Nós éramos responsáveis pela transmissão da ideologia do Partido para os jovens, para que eles não negassem o poder dele. Nós fomos líderes, quer dizer, por causa disso já estávamos muito conhecidos...

Esse trabalho na política foi bastante difícil, porque hoje você poderia estar aqui, e amanhã em outro lugar. Você poderia estar aqui, e de repente te chamavam pelo telefone, para viajar. Eu era uma espécie de empregado do Partido. Aquele Comitê Central e o Partido estavam mandando no País, tudo estava nas mãos do Partido. E nós, como éramos líderes, tínhamos que ir em todas as regiões para organizar o trabalho com os jovens. Então, hoje você está aqui, e de repente a noite já sai... o carro já está chegando e de repente vai viajar! É assim, como o trabalho do soldado. E por isso, fiquei também fraco. E aí minha mãe me aconselhava, me aconselhava... porque dessa forma, também não era fácil alguém me visitar em casa. No portão de minha casa tinha sempre um soldado, um guarda. Como é que uma pessoa podia entrar? Como ficavam todas as amizades...? Na porta! Ditadura era assim. Aqui no Brasil, um ministro tem a guarda de seguranças dele. Lá no Zaire, não. Lá, o Exército é que guardava as pessoas do presidente. E aí houve uma separação entre as pessoas... quando você precisava dos amigos... e também para a minha mãe e meus irmãos era difícil: *"por que aquele meu amigo lá nunca pode vir aqui...?"*, *"Por que tem que o guarda acompanhar ele quando chega em casa para entrar?"* Assim, criava-se uma distância. Era difícil.

O regime de meu País era uma ditadura. Nós sabíamos, a gente estudou, a gente sabe como é que é. Sabíamos tudo, mas era difícil. E se você queria complicar, aí eles vinham e matavam você! Trabalhamos anos após anos... até que aconteceu o Golpe de Estado. E quando chegou a guerrilha, nós estávamos lá e todos os olhos se dirigiram para nós.

A fuga do Zaire

Meu País sempre foi ditatorial. Para o meu País entrar na democracia vai ser difícil. Se um país é ditatorial, tudo está sob o controle de uma pessoa só. Antes era o presidente Mobutu... e aí veio o Golpe de Estado, no ano de 1998. Ele começou no leste do País, e depois chegou a Kinshasa no início de 98. Tudo estava paralisado, porque o novo presidente que entrou não queria mais ouvir os antigos colaboradores do ex-presidente. Todos aqueles que haviam trabalhado com o ex-presidente eram mal vistos. Com a chegada ao poder do novo presidente, o Sr. Kabila, todos aqueles que tinham ligação com o Sr. Mobutu eram mal vistos. Então, nós fomos

obrigados a deixar o país, porque tínhamos medo de morrer.

A vida era difícil nesse momento, em 98, a vida era muito dura... Quando a guerrilha chegou à capital, eu tinha ido a uma cidadezinha do norte do País, e fiquei lá em torno de um mês. Quando retornou a tranquilidade a Kinshasa, eu voltei para lá. Depois desse retorno, em janeiro de 98, o clima não era bom. Sabíamos que havia o serviço secreto agindo para eliminar ou assassinar os antigos colaboradores do ex-presidente do antigo regime. Antes que eu pensasse em sair do País, eles chegaram uma noite em minha casa, em torno das vinte horas, no mês de fevereiro de 98. Eu estava na minha casa com meus familiares e minha mãe, assistindo televisão. Então a casa foi cercada com os soldados do presidente do novo regime. Quando percebi o cerco, tranquei minha mãe, minha família, nos quartos, e permaneci sozinho na sala. Os soldados entraram e os seguranças quiseram me sequestrar. Quando eles quiseram me sequestrar, minha mãe e minha mulher saíram do quarto e aí todo mundo começou a chorar... começaram a chorar porque estavam me sequestrando. Isso significava a morte, sempre a morte! Então minha mãe fez tudo, mas não deu em nada.

Fomos até os limites da cidade de Kinshasa, numa área de outra cidade. Ali, entre os soldados que invadiram a minha casa, havia um que era originário da minha região, minha região natal. Então, ele me disse que era meu "primo": *"eu sou da mesma região que você, eu posso te ajudar..."* Quando eu estava em casa, minha mãe havia chorado na sua língua natal, e quando ele ouviu minha mãe chorar nesse dialeto, ele percebeu que era a mesma língua que era a sua. Então ele me disse que havia ouvido a sua língua no choro de minha mãe e me disse: *"eu sou da tua tribo e posso te ajudar, te deixar aqui na fronteira... e agora vire-se"*. Agradei a ele e, como não sabia o que poderia acontecer, parti logo dali. A partir desse momento, eu fiz um êxodo muito duro, porque a vida era muito difícil naquele momento, em fevereiro de 98. Parti a pé da fronteira de Kinshasa para B. no norte do País, e de B. eu fui em um mês para o K. oriental, que são todas regiões do Zaire. Finalmente eu cheguei a Mombashi, aonde eu havia trabalhado para o ex-presidente Mobutu, com os jovens do "Esperança do País". Como já havia trabalhado em Mombashi, encontrei ali pessoas que me esconderam em suas casas. Também esse momento foi muito difícil, porque lá em Mombashi era a região de onde Kabila era originário. E todas as pessoas que haviam trabalhado para o ex-presidente Mobutu não eram bem vistas, e não havia mais dinheiro nenhum. Então, como em Mombashi eu já era muito conhecido entre os jovens por causa do trabalho político que eu realizara, ficou extremamente difícil permanecer ali. Fiquei ali em torno de dois meses. Eu não saía de casa, tudo que eu fazia era ficar dentro de casa, comer, etc... Depois de um mês, a família onde eu tinha me escondido tinha feito tudo o que estava ao seu alcance. E na noite de 29 de maio, eu parti de Mombashi.

A viagem para o Brasil

Eu tomei um trem, clandestino, até a África do Sul e lá eu encontrei um antigo colaborador das milícias que haviam trabalhado para o Comitê Central do Partido. Ele me disse que todos os membros do Governo estavam cada um por sua própria conta. Quando cheguei à África do Sul, eu encontrei ministros e outros diretores ali. Eu cheguei lá, no meio da África do Sul, e eles me disseram que ali não era um bom lugar, porque Kabila enviara pessoas da Polícia Secreta também para a África do Sul, em Joanesburgo, e havia também sequestros... Kabila enviara pessoas a Joanesburgo para sequestrar todos os antigos colaboradores do regime de Mobutu. Já havia sido bastante duro para mim deixar o meu País, e agora também isso se repetia, num país estrangeiro. Então, encontrei um antigo membro dos quadros dirigentes do governo que me disse: "*bom, nós vamos viajar para a Europa*"... e eu não tinha nada, como é que eu poderia viajar? Eu quando fugi de casa, não havia trazido nada comigo, tinha ficado tudo nos quartos. Eu não tinha nem passaportes, nem documentos, nem roupas, nada! "*Como eu posso viajar junto com vocês para a Europa?*" Naquele momento eles já estavam prontos, eles tinham dinheiro para viajar. E eu fiquei por lá. Era duro! Eu tinha que fazer alguma coisa. Quando eu fui ver um outro grupo, que havia do antigo governo, eles viajaram também para a Europa, tinha passaporte e dinheiro... e eu não podia pagar a viagem.

Então, eu estava ali em Joanesburgo, naquela situação, e então resolvi entrar num barco. Eu não sabia aonde ia aquele barco. Eu pensava que ele fosse para a Europa, porque havia ali grandes navios e eu pensava que eles chegassem na Europa. Eu entrei clandestino dentro do navio, e fiquei escondido. Depois de uma semana, eu saí para explicar para as pessoas, à tripulação, ao capitão, que eu não podia ficar ali escondido, sem nada para comer e beber. Eu falei com o comandante do navio e fiz amizade com ele e lhe expliquei a minha situação. Depois que lhe expliquei, o capitão me disse: "*Nós vamos cuidar de você, para comer de manhã, ao meio-dia e à noite*". Depois eu perguntei para onde ia aquele barco, e ele me disse: "*bom, esse navio vai para a América*." Ele falava inglês e eu falava francês, então a gente não se entendia muito bem. Ele disse: "*América!*", "*bom, tudo bem...*" pensei. Nós íamos chegar, e num determinado momento, quando chegamos, perguntei: "*é a América?*" e me disseram: "*é o Brasil*"...

Chegamos ao Porto de Santos. Quando chegamos, eu não saí do barco no mesmo dia. Eu saí só depois de dois dias. E quando eu saí, eu fui dormir em Santos, num bar... Este dia foi difícil, eu não tinha nem mesmo apetite para comer. Então eu pedi ao senhor que tomava conta do bar, se ele sabia aonde eu podia pegar o ônibus para chegar até a capital do país. Eu não entendia nada... Eu pedia sempre pela capital, porque eu sabia que tudo se passava na capital. Ele me disse

que eu precisava tomar tal ônibus. Ele me escreveu tudo num papel. Eu não conseguia entender nada, porque ele falava o português e eu falava o francês. Era difícil! Ele me escreveu...eu pedia sempre pela capital...o que ele falava eu nem mesmo lembro, eu nem sabia... Então, com aquele papel eu tomei o ônibus, eu mostrei para o motorista, a capital, e partimos. Chegamos em Brasília, penso que foi no dia 6 de junho de 98. E esta foi outra longa viagem.

A Polícia Federal e o ACNUR

Chegamos a Brasília, e eu fui me apresentar diante da polícia e disse: "*Estou pedindo asilo... estou procurando o Ministério da Justiça... HCR, em português se diz ACNUR ...*" (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados). Estava procurando o Ministério da Justiça e a HCR, e eles me alojaram numa casa, e eles tentaram telefonar para vários lugares. Eu tinha chegado lá às 9 horas da manhã, e fiquei até as 11 horas, 11 horas e 30. Então, uma viatura da polícia chegou ali e me levaram até o centro de Brasília, na sede da Polícia Federal. Eu fiquei ali mais três horas. Depois disso me chamaram, e eu não sabia bem o que fazer, e peguei a minha carteira de identidade e apresentei... bom, não era bem a carteira de identidade, pois lá era onde os estrangeiros apresentavam os documentos necessários para a obtenção de passaportes. Então eu o depus ali, e eles pegaram o nome do meu país. Depois passei pelo Diretor da Polícia Federal. Depois de tanto tempo me chamaram para conversar! Ele falava português e eu falava francês. E então chamaram outra pessoa que falava inglês, e eu não sei falar inglês, só sei falar francês.

Num determinado momento, me deram de comer: era mais ou menos 15 horas quando me deram essa refeição, e eu tomei um pouco d'água. Depois das 16 horas procuraram um agente que soubesse falar francês, que havia estudado na França. Ele chegou, e então eu me senti um pouco melhor, porque encontrei alguém que falava a minha língua. Me senti, assim, um pouco mais tranquilo quando ele chegou. Eu fiz a entrevista com esse senhor, eu falava francês, e ele falava também português com o Diretor da Polícia Federal em Brasília. Me senti melhor nessa entrevista e expliquei tudo para o senhor, e ele traduzia para o diretor. Então telefonaram para o representante do ACNUR em Brasília. Ele disse que podia seguir para lá.

Tomamos um carro e chegamos no seu escritório, na Esplanada dos Ministérios, próximo ao Ministério da Fazenda em Brasília. Entrei lá pelas 18 horas e comecei a entrevista às 19 horas, até às 23 horas. Nessa entrevista me colocaram a questão de saber porque saí do meu País. Eu lhes expliquei porque deixei meu País e o que foi que me aconteceu. Depois de tudo feito, eles disseram-me "*pode ir ... vire-se...*" E eu

disse: "mas eu não tenho onde dormir ?!" ... "Vá...vire-se!" Nesse momento, eu senti uma dor... eles me deixaram assim, devo me virar... "como posso me virar se eu não conheço ninguém!?" Foi muito difícil. Não sei o que se passou. No dia seguinte, pela manhã, eles me deram uma transferência para vir até São Paulo. Então, eu vim para São Paulo com aquela carta que eles me deram, e disseram que aqui em São Paulo eu poderia ter tudo, um apartamento ou casa para ficar, que eu ia ter também a possibilidade de estudos... De manhã, eu peguei o ônibus na Rodoviária e cheguei aqui. Eu não conhecia a cidade, e por isso me apresentei à Polícia de São Paulo, e eles me enviaram até aqui no centro, na Cáritas. Ao chegar ali, eu me apresentei a eles, e eles disseram que iriam tentar resolver a minha situação.

SER REFUGIADO EM SÃO PAULO

No Arsenal da Esperança

Naquela noite me hospedaram em um hotel próximo à Estação do Metrô Luz. Eu cheguei ali com um senhor que trabalhava na Cáritas. Não era bem um hotel... Eu sempre imaginei um hotel em que você ficava só num quarto. Era um hotel, mas... com quatro camas assim... não era totalmente um hotel. Lá você entra e é um quarto assim: um, dois, três, quatro... um, dois, três, quatro... um, dois, três, quatro... Era, como se diz em português, "estranho".

Então, cheguei naquele hotel, tomei banho, depois dormi, tentei repousar. De manhã, eu peguei o metrô e fui até a Cáritas. Eles me disseram: "procuramos um lugar para você". Ao meio-dia, almocei aqui no SESC. Depois, à tarde permaneci ainda ali. Passado algum tempo, eles me enviaram para um albergue. Eu fui naquele albergue do Bresser: no "Arsenal da Esperança". Eles me enviaram ali e eu fiquei lá quase quatro dias. Como foi difícil ficar naquele albergue do "Arsenal da Esperança"! Eu pensei que num albergue a gente pudesse ficar o tempo todo. Eu já estava transtornado pelo que havia passado, sem informação de minha família! Veja bem, depois de fevereiro de 98, até aquele dia eu estava sem qualquer notícia da família. Eu tenho um filho... e sem notícias, de fevereiro até julho... com tudo o que eu passei! Era difícil! E eu cheguei lá precisando descansar, mas o que me surpreendeu foi que você entrava às 18 horas no albergue, e depois às cinco horas da manhã todo mundo tinha que se levantar, e às oito horas todo mundo tinha que sair. Às oito horas: fora! Aonde eu iria às oito horas da manhã? Eu precisava descansar, repousar, dormir bastante! Oito horas, fora... e aonde eu iria? Esse era o principal problema, e eu não me sentia bem, não

estava bem.

Quando estava lá, eu percebi que aquilo não era bom para mim. Uma sala tinha mais ou menos 500 pessoas, com aquelas camas tipo beliche. De manhã, você ia tomar banho com uma toalha, e depois de usá-la, todo mundo tinha que deixar a toalha num lugar juntas, pois eles iriam lavá-las. Aquela toalha que você usou hoje de manhã não é aquela que você vai usar à tarde. Disso eu não gostei! Se a toalha é minha, se eu vou usá-la de manhã, devo colocá-la onde todo mundo põe... Eles ficam lá, e você vai embora. Eles ficam lá para lavar as toalhas, e quando chega à tarde você vai pegar outra toalha. Aí não gostei!

Depois, o tratamento! Você está dormindo como criança... não como criança, porque mesmo a criança, lá em casa, as pessoas procuram respeitar a criança. A gente procura deixar a criança um pouquinho livre no quarto dela, apesar de você ter que ficar de olho nela. Isso é uma coisa que eu já passei muitos anos atrás. Eles é que mandam: tem horário para isso, tem horário para aquilo. Quando estudei no Colégio interno, na Igreja, também era assim. Aí era a vida de criança, de estudante, mas isso eu já passei há muitos anos... Depois de adulto, eu fiquei na minha casa, do jeito que eu queria. E de repente, voltei atrás do mesmo jeito de criança... É difícil, é difícil. Lá eles mandam no banheiro, tem hora de apagar a luz... Se não tivesse que apagar a luz, você podia dormir tarde... mas não, e 500 pessoas! Quando uma pessoa começa a tossir, não é só uma pessoa que tosse. Houve uma vez que eram umas 50 pessoas tossindo. Não se consegue dormir.

E as pessoas não ligam para o ambiente. De noite, quando você entra lá no "Esperança", é tudo limpo. Mas quando você vai sair de manhã, às seis horas, é muita sujeira. São as pessoas que entram lá, que não colaboram no serviço de limpeza do "Arsenal da Esperança". Até no momento que você vai sair da cama, você vê todo tipo de sujeira. Até na porta, a pessoa vai fazer xixi lá! De noite, tudo bem limpo, mas de dia é outra coisa... aí eu não gostei. Mas o que eu não gostei mesmo foi de você entrar às 18 horas e 8 horas da manhã ter que sair para fora, e não ter lugar para onde ir, mas ter de sair, por força.

Aonde eu iria às oito horas da manhã? Sem ninguém, sem parente, sem família, aonde eu iria? Eu saía, assim, andando; como diz na Bíblia, "como Caim, sem destino!"... Para se alimentar, o almoço era aqui no SESC, e à noite no "Arsenal da Esperança". Lá você entra às 18 horas, passa no restaurante, pega um prato, come, depois toma um banho. Tem um terreno lá, onde se joga futebol. Um dia consegui assistir um jogo lá, o pessoal estava jogando bola, só um dia... Depois você tem que subir, dormir, a vida era isso! As pessoas nunca colaboravam no serviço de limpeza do "Esperança", e com toda a sujeira lá. Era diferente, eu ficava nervoso, e saía cedo sem saber para onde ir. Isso era triste! E a língua também!

No domingo era a mesma coisa. Domingo, às oito horas,

todo mundo fora... Era difícil. Então comecei a passear pelo centro da cidade. Fui até o Centro Cultural e lá eu encontrei um japonês, que falava também o francês. Esse japonês falou comigo em português, e eu lhe disse que não falava português, só francês. E ele me perguntou em francês: "*Você não é brasileiro?*" "*Não, não sou brasileiro, sou estrangeiro...*", "*Então, há quanto tempo você está aqui?*" Aí eu lhe expliquei a minha dificuldade, e ele se apresentou como um estudante da USP, e disse que não tinha um lugar em casa para me hospedar, mas que conhecia outro africano. Naquele mesmo dia ele me levou até a casa desse africano, o Sebastião (nome fictício). Chegamos lá, e ele me apresentou, contou minha situação para o Sebastião. Ele entendia também um pouquinho o francês, porque Angola e Zaire são vizinhos, e havia também o dialeto que era parecido, e eu falei também em dialeto. Bom, ele me ouviu, e disse que eu poderia me hospedar em sua casa. Era 29 de junho de 98, quando ele me aceitou.

Eu retornei ao "Arsenal da Esperança", onde eu peguei minha bagagem e fui para a casa do Sebastião. No dia seguinte, eu voltei para a Cáritas e eu lhes informei, isto é, todas as minhas dificuldades sobre o "Arsenal da Esperança", eu lhes expliquei. Em Brasília me disseram que eu poderia ter uma casa, um apartamento... Eu não imaginava que pudesse encontrar uma coisa como essa, eu não pensei isso... Então eu lhes disse que havia encontrado um africano, que eu poderia permanecer na casa desse africano. E eles ficaram de acordo: "*Sim, nós conhecemos o Sebastião, ele é nosso amigo, e você pode ficar com ele.*"

Em busca de moradia

O Sebastião mora na Zona Leste de São Paulo, Artur Alvim. Eu fique na sua casa mais ou menos sete meses. Ele é evangélico como eu, e um dia ele me convidou para ir numa festa na Zona Norte. Lá ele me apresentou para o pastor da igreja, era uma Igreja Missionária. Houve um momento em que as pessoas podiam passar uma palavra, e me convidaram. Quando fui ao púlpito, passei a palavra em 5 minutos. Você tem que pregar uns 5 minutos. E eles gostaram. O brasileiro tem isso de bom, ele entende tudo o que você quer falar. Aí não tem dificuldade: se fala um pouquinho de francês, de português... E o pastor era uma pessoa estudiosa e pensou "*esse rapaz tem conhecimento*"... Depois disso o pastor se interessou por mim e disse que eu pregava bem e me convidou para trabalhar com ele. Ele perguntou qual era a minha situação e lhe expliquei. Então ele me disse que eu poderia morar na sua casa, que poderia me dar um quarto para morar e eu aceitei. Eu me mudei para lá, em São Miguel Paulista. E assim comecei na igreja dele, e foi bom! Além da moradia, ele me dava roupa também. Pude ficar com ele, porque ali o pastor pregava todo dia, de janeiro a dezembro, e não tinha tempo para descansar. Trabalhei com ele um mês, e ele apro-

veitou para sair de férias. Fiquei sozinho um mês. O pastor voltou de férias e fiquei com ele outros sete meses.

Bom, lá na Cáritas recebemos uma ajuda alimentar e financeira. Essa ajuda financeira não é muita coisa, chega a ser insuficiente. Mas como dizemos em francês: "*é melhor isso do que nada*". Com essa pequena ajuda, eu fui economizando. Posso dizer que para melhorar a minha vida, para encontrar uma mudança em minha vida, eu tive de deixar São Miguel e arranjar um apartamento aqui na rua Tabatinguera, no centro de São Paulo. Então, eu tive de também pedir ajuda para conseguir uma casa aqui na Tabatinguera (Essa moradia a que Roger se refere já não é mais residência de refugiados. ndr.). Porque mesmo na casa do pastor, havia a pessoa dele com a sua família, e eu só podia dividir o quarto. Já sou adulto, e ter que viver dependente de outra pessoa, na sua casa... é diferente você ter que viver com outra pessoa. Eu não consegui porque, já desde muito tempo, eu morava na minha casa com a minha gente, era respeitado por todos, e hoje... Foi difícil! Moralmente estava difícil mesmo, porque já faz tempo que eu saí da casa da minha mãe. Depois dos estudos comecei a trabalhar, comprei minha casa e comecei a abrigar outras pessoas... E hoje eu tinha que ficar atrás das pessoas, para pedir as coisas... isso não era bom.

Assim, com o pouco da ajuda da Cáritas que eu tinha, que era bastante insuficiente, pedi ajuda para as Missionárias Seculares Scalabrinianas para completar a quantia do depósito para entrar na casa. Você tem que pagar três aluguéis antecipados. Aí foi no total de 700 reais, e eu não tinha esses 700. Um amigo meu do Zaire estava também nessa situação, e estava morando na casa de outro brasileiro, em Osasco. E eu lhe perguntei: "*Poderíamos arranjar uma casa juntos, para ficarmos, já que temos problemas de finanças, falta de meios!...*" Assim, pedimos ajuda para conseguirmos, e obtivemos o depósito. E a gente está morando aqui, numa casa de aluguel, e já nos sentimos mais livres, podemos dormir na hora que quisermos, levantar na hora que quisermos e pode-se ler à vontade. É uma vida um pouco mais normal. Temos uma vida mais normal, como antigamente. Não totalmente 100%... 45% mais ou menos como era antigamente.

Aprendendo a língua e procurando trabalho

Em casa nós somos em quatro, somos dois do Zaire e dois de Angola. No nosso dia normal, comum, cada um procura melhorar a sua vida. Procura também melhorar a vida dentro de casa, com o pouco que possui, ajudando a comprar sabonete, sabão... Falamos o português, mas também o francês e o dialeto, porque viemos de regiões próximas na África, na fronteira do Zaire com Angola. Apesar da divisão dos países com a colonização européia, essa região mantém o dialeto, e as pessoas que conhecem o mesmo dialeto de lá, se comunicam.

E assim a gente conseguiu continuar na Cáritas, a gente se ajuda para pagar o aluguel e também o que nós devemos comer.

Mas havia também esse problema da língua: falar português. Na Cáritas, nos fizeram entrar em escolas de português, com a missionária Nádia, que nos deu a força para aprender o português. Aprendemos então português, escrever, falar, conversação, e assim, dia e noite nós viemos à escola para aprender português na Cáritas, voltamos para casa e víamos televisão, ouvíamos rádio. Precisamos fazer um esforço, porque não estamos num país "francofone". É preciso fazer o esforço para falar a língua do país. Bom, hoje eu posso falar um pouquinho o português.

Quanto ao trabalho, até o momento continua difícil. Eu não estou trabalhando. Desde que cheguei aqui em 98, eu não trabalho. Primeiro, é difícil para os próprios brasileiros, e os estrangeiros então... Assim, eles passam por dificuldades e nós, estrangeiros, também. No momento, estou estudando. Desde o início do ano, em fevereiro, já faz 5 meses, estou fazendo um curso no SENAI. Porque existe um convênio entre Governo, Cáritas e ACNUR, com o SENAI, e eu comecei a estudar e fiz eletricidade, pois sou formado em Mecânica Geral. Eu preferi então fazer a minha profissão por sessões, porque se eu apresentasse o meu diploma aqui, do meu País, eles não aceitariam. Eles pensam que em meu País não existe nada. Já pedi a várias pessoas para enviar uma carta para a África para conseguir meu diploma, e eles dizem: "*aquele diploma você não pode apresentar aqui para trabalhar.*" O Brasil não reconhece o meu diploma, porque ele não tem o mesmo tipo de relação com os países da África, como têm os países da Europa. Se eu chego num país como a França e a Bélgica, outro país, você faz a tradução do diploma, e já pode trabalhar. E aqui, você apresenta o mesmo diploma e eles não aceitam! Assim, para ter um trabalho é preciso ter um documento que represente o diploma brasileiro. Então, é preciso ir aqui e ali para se ter esse documento. Tudo isso representa para mim um atraso de vida também. Torna-se um atraso... Você pensa que pode seguir adiante, mas não, você fica bloqueado, suspenso, imóvel... como se diz: parado.

Por isso, eu comecei a estudar. Terminei no mês passado. Até o momento não encontrei nenhum emprego, não estou trabalhando. E você sabe, se alguém não está trabalhando, como diz o brasileiro: "*você está apertado.*" Bom, em casa nós estamos em quatro, e com o pouquinho de dinheiro que nós recebemos do ACNUR, nós podemos pagar o aluguel, comprar algo para comer, nós temos... como se diz em português, a "cesta básica", que sempre pegamos sempre lá na Cáritas, que é suficiente para comer durante um mês. Se nós não tivéssemos esse alimento que vem da Cáritas, a gente não saberia o que fazer. Ficamos, talvez, sete meses assim, sem nada em casa. Não existia nada em casa para comer... sempre era o mesmo alimento... A situação não é boa, são dificuldades financeiras, sem trabalho, é difícil!

A CONDIÇÃO DE REFUGIADO

Notícias da África

Agora eu tenho contato com minha família. Eu envio a carta para a Europa... Bom, eu não posso enviar a carta para a África diretamente, para o meu País, porque se eu envio a carta diretamente para o correio, ela chega no meu nome. E meu nome é muito conhecido. Quando chega no correio, como eles conhecem o meu nome, a pessoa que vai levar a carta em casa pode levar perigo às pessoas e à minha mulher que estão ali. Como o problema já está tranquilizado, e já esqueceram a minha família, eu achei que seria melhor assim. Pois, se eu mando a carta lá na África, quando chegar no correio, eles vão perceber o meu nome, e então, posso acrescentar mais um problema. Assim, com toda a dor no coração, eu achei melhor deixar...

Pois eu também passei por problemas emocionais, ao receber algumas notícias da minha família. Enquanto eu passava por todas essas etapas, esses caminhos, esse êxodo... de deixar a capital, a fronteira, até a África do Sul, a minha mãe fora assassinada. Assassinada! Porque, quando eu fui liberado na fronteira, os soldados que estavam em missão na minha casa e me sequestraram, foram interpelados depois por membros do Governo que me procuravam e não me encontraram. Neste momento já existiam informações de que eu fora raptado, mas onde eu estava? Ninguém sabia... estava em suspense. Então, com toda a cólera vieram até a minha casa e a saquearam totalmente. Isso porque não me encontraram e tivera uma chance de fugir, porque o soldado dissera que era meu irmão. Então eles saquearam tudo! Os soldados estavam encolerizados. Porque não me pegaram, não tinham me visto, me procuraram e não me encontravam, os soldados tinham um problema diante dos superiores: "*Onde ele está? Que missão vocês fizeram?*" Os soldados receberam uma bronca, como se diz em português, e eles queriam também dar uma bronca na minha família. E a volta deles foi terrível! Nessa pilhagem minha mãe foi morta, e sequestraram minha esposa e ela ficou presa cerca de cinco meses. Nenhuma pessoa da minha família sabia onde ela estava. Depois ela foi libertada.

Era difícil para mim raciocinar. Eu procurei um médico para lhe explicar como era o meu problema. Eu pedi primeiro à Cáritas, e era sempre a mesma coisa: amanhã, depois de amanhã. Fui com o passaporte e o pastor, passei por uma psicóloga, ela me deu alguns conselhos e fiz tudo aquilo que era necessário. Eu comecei retomar a vida e a seguir normalmente. Eu sou normal e posso de toda maneira suportar. Eu fiz esse esforço... Hoje, tudo isso... Bom, eu não tinha mais apetite para comer, e agora, o apetite começa a voltar. Nesse momento começo a ver São Paulo como ela realmente é. Eu vejo as pessoas, eu vejo os materiais, eu vejo a casa. Antes, não era como eu vejo hoje em dia, pois minha cabeça estava toda voltada para o Zaire. Eu vejo... bom, foi graças a Deus

que eu não sofri nenhum acidente, ou atropelamento, etc. Porque foi terrível! Eu começava a comer e pegava duas vezes na colher, e então... terminado! Não tinha fome. E também as roupas. Você imagina como eu saí de minha casa, no sequestro. Tinha somente uma calça e uma camisa, nem mesmo um casaco para o frio. E eu cheguei aqui em São Paulo com uma única calça. Quem me arranhou alguma coisa foi o Sebastião, o angolano. Foi difícil para se vestir aqui em São Paulo, em 98 e 99. Eu comecei a me vestir um pouco melhor no final de 99. Foi difícil demais.

Neste momento tudo parece estar bem em meu País... a saúde, tudo parece estar bem. Parece mais tranquilo, não tem problema, não tem ameaças. Porque o problema é meu. Sou eu, e não eles. E mantenho contato, não um contato direto, mas indireto. Pois se eu mandar a carta diretamente, fica ruim para eles. Por isso, eu me comunico com uma pessoa na França, e através dela eu me comunico com eles. Assim, eu sei que eles estão bem, de saúde, em paz. Começou um pouquinho de dificuldade também, por causa da questão financeira, porque tudo estava destruído e a vida ficou difícil. Mas tudo bem... No momento, eles conseguiram fazer uma coisa, um negócio lá para sustentar a família.

Nós somos flor de Deus

Se eu pudesse definir o meu problema, o que eu passei aqui, esse êxodo que eu fiz até aqui... Primeiramente eu posso dizer, foi difícil porque o povo brasileiro não tem o conhecimento de outras coisas. Quando fala "refugiado", ele pensa que você matou. Quando fala "refugiado" ele pensa que foi você que matou, aí ele se assusta, ele tem medo de você. Refugiado é uma pessoa que está fugindo de ameaças, por causa da discriminação, de religião, problemas políticos. Quer dizer, o êxodo de um país para outro país, uma mudança, nessa situação se encontra um refugiado. Mas eles, não todos, mas muitos, não entendem isso. E naquele documento que nós temos, está escrito "refugiado". Aí já começa o problema, porque o documento brasileiro tem uma classificação para os estrangeiros: nós temos o Registro Geral de Estrangeiros, e tem uma classificação de estrangeiros. Quando as pessoas não são refugiadas, a classificação vai até ele chegar à permanente e até a naturalização. Aí nós somos colocados como "refugiados"... e quando você vai procurar emprego ou uma ajuda qualquer e vêem a classificação "refugiado", eles ficam com medo. Isso até no banco! "Uh! Você matou, você assaltou, você é assassino? Você veio se refugiar aqui..." Isso quando você vai ao banco e fala com o gerente. Você pensa que ele vai entender... E é uma crise a mais, crise de estar refugiado, por estar sem emprego.

Quanto aos preconceitos pela cor, a minha cabeça é diferente. Eu não sei se sou branco ou negro, eu não sei, a minha cor é assim! Se eu quero eu entro, eu não tenho preconceitos.

Eu procuro ver a lógica das coisas, e se a pessoa trata os outros assim, eu considero que ela não tem conhecimento. Já vi casos. Acontece comigo também. Mas quando acontece, eu ajudo ela, procuro mostrar que ela está errada, que ela não sabe de nada. Aconteceu duas vezes comigo assim, numa casa de carnes: eu quero carne, essa carne picada e ele coloca outra coisa. E voltando para casa eu percebi aquilo que ele fez. E voltei e falei: "o que é isso?" Eu falei que eu não sou brasileiro. "Eu paguei, não pedi ajuda para você. Nem se eu pedisse ajuda, se vocês quisessem me dar, poderiam me dar as coisas boas. Dá para os outros aquilo que você gosta para você mesmo... mas isso não. Não faz isso para ninguém, nem para teu inimigo. Eu não sou brasileiro. Não faz isso, é mal, é crime. Não contra o governo, é crime para Deus. Não faz assim." Eu ajudo assim, fiquei lá, falei um pouquinho pra ele, e falei para o responsável dele. Falei pra ele, expliquei pra ele como podia ser, e ficou tudo bem.

Noutro dia, também eu cheguei lá, era outro rapaz e fez isso imediatamente. Eu olhei para ele e disse: "Não gostei. Faça as coisas de uma maneira boa... Eu estou pagando você. Pra você é bom quando uma outra pessoa entra. Faça as coisas boas, eu estou pagando, eu quero também as coisas boas. Eu quero isso e isso! Porque eu tenho o meu dinheiro." Eu falei pra ele: "Eu sei que o consumidor é o rei... consumidor é rei, porque você está precisando do dinheiro dele. Não faz isso com ninguém." E quando eu falo isso, eu também defino, eu falei pra ele: "não faz isso nem pra um negro brasileiro." Outra vez ainda, estava viajando com um nigeriano com um carro bonito, e fomos parados numa batida policial, em que muito carros continuaram passando: "Por que nós?" Ficaram revoltados, intimidando, mostrando o revólver... E eu falei pra eles: "Eu sou estrangeiro, mas conheço a lei brasileira. Tem 30 minutos para procurar o documento..." Eu falei: "Não faz isso nem pra teu irmão!" Eu não sou brasileiro, eu explico, eu ajudo.

Mas eu não ligo para essas coisas. Não ligo, porque se você ligar, você vai voltar pra trás, vai recuar, você vai sofrer. Nós somos flor de Deus. Não importa a camisa, a calça que você usa, tem que ser você, nós somos flor de Deus. Não vejo diferença de cor, de raça. A gente fica orgulhoso de si mesmo, Deus vai saber que você entende, e Deus vai te ajudar também. E é esse o meu objetivo.

No Brasil, tem que ter um objetivo para ir em frente... Aquilo, para eu poder chegar, preciso entender meu objetivo. Eu faço tudo para entender o meu objetivo, eu faço tudo para atingir o meu objetivo... Bom, eu gostaria de viver feliz, normalmente, feliz! Tranquilo, até meu objetivo... trabalhar, ter minha casa de novo, pra viver bem a vontade, como Deus quer que a gente viva, em abundância. Não abundância superior, mas abundância normal. Não pra enganar Deus, não pra falar mal de Deus. Uma vida normal, meu objetivo, pra conquistar o que é bom, pra saúde, pra família e pra meus companheiros.